



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2289 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 15 - Educação Especial

ESTÁGIO EXTRACURRICULAR: O ENSINO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA A PARTIR DOS SIGNIFICADOS PRODUZIDOS EM UM GRUPO DE ESTUDOS

Laine Cristina Forati de Alencar - UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

RESUMO: No contexto das discussões sobre as políticas de educação especial na perspectiva da inclusão escolar, este texto aborda fragmentos da realidade de estagiários, oriundos de um curso de licenciatura, que assumem a tarefa de acompanhar alunos com deficiência ou transtornos globais de desenvolvimento, durante as atividades escolares. Esta pesquisa em andamento, focaliza um grupo de estudos constituído para dar apoio aos discentes que realizavam o referido estágio, em caráter extracurricular. Assim sendo, o objetivo deste texto é analisar os enfrentamentos de estagiárias que, assumiram a tarefa de acompanhar alunos com deficiências nas atividades escolares. A pesquisa está fundamentada na perspectiva histórico-cultural de Vigotski, e, focaliza o papel da palavra do outro como fundamental para o desenvolvimento dos sujeitos com deficiências. As reuniões do grupo foram áudio-gravadas e as análises estão sendo realizadas olhando para as situações vivenciadas pelas alunas, na busca pelos indícios das possibilidades de um ensino que tenha sentido para esses alunos e para as estagiárias em sua formação.

Palavras-chave: Perspectiva histórico-cultural. Inclusão escolar. Possibilidades de aprendizagem.

ESTÁGIO EXTRACURRICULAR: O ENSINO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA A PARTIR DOS SIGNIFICADOS PRODUZIDOS EM UM GRUPO DE ESTUDOS

GT: 15

Agência Financiadora: CAPES

RESUMO: No contexto das discussões sobre as políticas de educação especial na perspectiva da inclusão escolar, este texto aborda fragmentos da realidade de estagiários, oriundos de um curso de licenciatura, que assumem a tarefa de acompanhar alunos com deficiência ou transtornos globais de desenvolvimento, durante as atividades escolares. Esta pesquisa em andamento, focaliza um grupo de estudos constituído para dar apoio aos discentes que realizavam o referido estágio, em caráter extracurricular. Assim sendo, o objetivo deste texto é analisar os enfrentamentos de estagiárias que, assumiram a tarefa de acompanhar alunos com deficiências nas atividades escolares. A pesquisa está fundamentada na perspectiva histórico-cultural de Vigotski, e, focaliza o papel da palavra do outro como fundamental para o desenvolvimento dos sujeitos com deficiências. As reuniões do grupo foram áudio-gravadas e as análises estão sendo realizadas olhando para as situações vivenciadas pelas alunas, na busca pelos indícios das possibilidades de um ensino que tenha sentido para esses alunos e para as estagiárias em sua formação.

Palavras-chave: Perspectiva histórico-cultural. Inclusão escolar. Possibilidades de aprendizagem.

Introdução

Com a implantação em curso das políticas inclusivas, muitas demandas e desafios têm sido colocados a todos os envolvidos com os processos escolares. Dentre essas demandas, as redes de ensino se organizam para promover a implantação da política de educação especial na perspectiva da inclusão escolar.

Este texto, faz parte de uma pesquisa de doutorado em andamento e, focaliza o acompanhamento de alunas do curso de licenciatura em Pedagogia, que realizam estágios extracurriculares em uma rede de ensino municipal do interior paulista e têm como função prioritária, acompanhar alunos com deficiências e dificuldades de aprendizagem em sala de

aula.

Este grupo foi formado por meio da participação de seis alunas do 1º ano do curso de Pedagogia, que realizaram estágio extracurricular com função de serem apoio para essas estagiárias que trabalhavam com os alunos inseridos nas escolas municipais. Assim sendo, buscaremos as possibilidades de aprendizagem desses alunos, considerando as condições concretas que estão sendo oferecidas pelas escolas.

Dividimos este estudo da seguinte forma: inicialmente, apresentamos uma contextualização do estudo; em seguida, explicitaremos fragmentos da pesquisa em andamento à luz da perspectiva histórico-cultural, pautando-se nos pressupostos nas proposições de Vigotski (1991, 1995) e nas possibilidades de elaboração/construção do conhecimento, e, por fim, as considerações finais.

A educação nos dias de hoje: estágio e inclusão

O crescimento e desenvolvimento das populações colocam desafios para as sociedades humanas e, a Educação, é certamente uma possibilidade para vencer alguns desses desafios, especialmente, se focalizarmos o contexto brasileiro, em que as desigualdades sociais são alarmantes. Pino (2003) afirma que a Educação não é um simples valor agregado ao homem em formação, mas sim, constitutiva do homem. É por meio do processo educativo que os sujeitos podem se apropriar da cultura e se constituírem como seres humanos. Por isso, podemos refletir sobre o papel da educação escolar na formação humana e a respeito da tarefa que tem o professor e o estagiário, diante dessa formação.

Um dos maiores questionamentos está na temática da organização de um currículo que permita uma maior articulação entre teoria e prática na formação do pedagogo (OLIVEIRA, PINTO, 2011), logo, há a questão dos estágios e as condições em que os mesmos são realizados; o número de horas obrigatórias deve proporcionar aos licenciados um contato mais profundo nas escolas de educação básica, sendo planejado, orientado e acompanhado por um professor de estágio. Para Freitas (1992), os estágios devem ser espaços privilegiados para a aprendizagem das práticas docentes; porém, muitos dados revelam uma série de imprecisões, inviabilizando a análise do que acontece nos espaços de formação a partir dos currículos

No caso da educação especial, Oliveira, Pinto (2011), comentam que esse ensino configurava-se como um sistema paralelo de ensino dirigido aos educandos com necessidades especiais, e agora, volta-se ao atendimento direto desse alunado na escola regular. Segundo pesquisas desses autores, há ainda uma diversidade de formas de organização e de ações por parte dos sistemas de ensino para atender essa demanda: criação de salas de recursos nas escolas regulares, a colaboração do professor itinerante ou acompanhamento de estagiários nas salas de ensino regular, sendo que neste caso as ações contemplam que este acompanhamento deveria ser realizado por um pedagogo responsável.

Kassar (2011) elucida que os desafios da implantação de uma política nacional propriamente de “educação especial” são muitos e mesmo quando as exigências são cumpridas, os desafios tornam-se evidentes: salas reduzidas, acompanhamento em salas de recursos, adequação do espaço escolar, formação de professores para esta atuação, acolhimento na escola etc.

Outra complexidade apontada nos estudos de Oliveira e Pinto (2011) é a presença dos estagiários na escola, destacando que sua função não é ser *do aluno* com necessidades especiais, mas da sala de aula, fornecendo suporte ao professor e, não tendo a tarefa exclusiva de “cuidar” desse aluno. Esses estagiários por sua vez, não receberem supervisão para o acompanhamento, havendo dúvidas sobre seu papel, sua função, sua atuação e o objetivo de estarem com estes alunos.

Tendo em vista o grupo de estudos como um espaço para discussão, reflexões e diálogos, buscaremos neste texto um novo significado *do estágio extracurricular na perspectiva do grupo de estudo*, um olhar construído pelos discentes sobre os alunos com deficiência por meios das possibilidades de aprendizagem desses alunos, considerando o contexto e as situações de desenvolvimento destes sujeitos no contexto escolar. (FREITAS, DAINEZ, 2018).

Contextualização do estudo: aspectos teórico-metodológicos

Este estudo está inserido no contexto do grupo de estudos de pedagogia de uma universidade privada-comunitária, localizada em uma cidade do interior paulista. Os sujeitos são alunas do 1º semestre e estagiárias de uma rede municipal de ensino, assumindo a tarefa de acompanharem os alunos com deficiências ou dificuldades de aprendizagem matriculados nas salas de aula comum. O grupo aconteceu com reuniões quinzenais entre maio e dezembro de 2017, momento em que elas e a professora responsável discutiram sobre as situações vivenciadas durante os estágios e estudaram sobre a temática do ensino para alunos com deficiência no contexto das políticas de inclusão escolar. As reuniões foram áudio-gravadas e, posteriormente, transcritas.

As estagiárias V. e D. realizam estágio na educação infantil. V. acompanha o aluno L. G., com três anos, com paralisia cerebral.

A estagiária D. acompanha K., com três anos, com Síndrome de Down. As estagiárias G., N., I. e B. realizam estágio no ensino fundamental 1.

G. está responsável pelo acompanhamento da aluna L., com oito anos, no segundo ano, diagnosticada com TEA (transtorno do espectro autista) e deficiência intelectual.

N. acompanha o aluno L, com oito anos, que está no terceiro ano e tem diagnóstico de transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH).

I. está em uma sala do sexto ano e acompanha dois alunos: M., com dislexia e TDAH e T., sem diagnóstico, mas com dificuldades de aprendizagem.

B. acompanha o aluno W., com 12 anos, diagnosticado com deficiência intelectual, deficiência auditiva e epilepsia, no 4º ano do ensino fundamental, com a aluna A., diagnosticada com deficiência intelectual, matriculada no 5º ano.

As análises estão sendo realizadas com base no método dialético, condizente com a perspectiva histórico-cultural com foco para as possibilidades de aprendizagem que estão sendo construídas na dinâmica dialógica do grupo. A seguir, traremos dois recortes dos episódios para refletir sobre a possibilidade de ressignificar o fazer da estagiária, culminando, no fazer significativo para os alunos.

Desafios das estagiárias na dinâmica diária das salas de aula no contexto da educação inclusiva

Analisando as narrativas das alunas que participam do grupo, elucidaremos alguns momentos do grupo sobre o ensino para alunos com deficiências e as possibilidades de aprendizagem desses alunos, considerando-se as condições concretas oferecidas pela escola.

“Você consegue sim senhora”

[...] G. nos relata que:[...] a professora achou melhor passar algumas atividades diferenciadas para ela e ela se recusa a fazer normalmente. Isso me irrita. Porque ela fala não consigo, mas sei que ela consegue... (com vizinha de dengo) tem horas que fala bem firme: “você consegue sim senhora”.

Registro de áudio, 02 de maio de 2017.

Esse trecho nos mostra como está sendo a formação da estagiária, a fala da aluna de dengo que irrita a professora, e inquieta a estagiária, abre a possibilidade de pensar nas possibilidades de dar um novo sentido às práticas. Relacionando a importância do significado nas atividades escolares dentro de um contexto de aprendizagem, a relação entre educando e educador, em uma perspectiva na concepção histórico-cultural é imprescindível pois é parte do processo.

Chaves et al (2014) elucidam uma reflexão sobre esta temática:

É comum observar “atividades” que, em geral, desencantam as crianças, como as velhas cópias mimeografadas, ou agora – com os ditos – “avanços tecnológicos” – fotocopiadas, muitas das quais são reproduções de materiais apostilados sem nenhuma participação das crianças, sem que elas tenham conhecido todo o processo de elaboração (muitas vezes esta também ausentes para os próprios professores), respeitando-lhes, tão

somente, a realização das tarefas, as quais são executadas sem sentido e significado. (CHAVES et al, 2014. p. 133).

Para Vygotsky (1982), o materialismo histórico provoca um redimensionamento do conceito de desenvolvimento humano na medida em que passa a conceber a história e a cultura como partes integrantes e constitutivas do funcionamento mental; os processos de evolução biológica emergem de um processo cultural onde, o suporte orgânico do desenvolvimento humano passa a ser um produto da interação entre as contingências biológicas e a história cultural, levando à uma transformação do biológico para o sócio-cultural, o que passa a ser mais importante não é o que a criança está fazendo, mas o papel da professora que poderia ter buscado entender os “dengos” da aluna. Pensando na formação da estagiária, aprender que os comportamentos da aluna, são “dengos”, esvazia as possibilidades de relacionamento, da busca em saber o “porque você está assim”?

A segunda transcrição, faz parte de um momento do grupo onde outra aluna estagiária está narrando sobre a demora da aprendizagem da aluna e a forma diferenciada em que está tentando agir para que ela aprenda um conteúdo.

Você tem que explicar umas cinco vezes para mais...

[...] A...: Então, você tem que explicar umas cinco vezes para mais, para ela entender mais ou menos. Quando ela pega o jeito, ela consegue fazer. Mas, amanhã, por exemplo, ela não lembra de mais nada. Ela não consegue recordar o que foi explicado. Por exemplo: a gente lê um texto, aí tem que fazer os exercícios de texto... aí eu tenho que ler o texto de novo...” você entendeu? O que o texto fala?” Daí ela vai selecionando palavras aleatórias do texto para tentar me explicar, ou eu faço assim: eu leio a questão, e pergunto: “O que o texto está pedindo” – “ela tenta me explicar, selecionando palavras da questão, e eu tento absorver alguma coisa para poder explicar”. Então falo: “vamos ler de novo. Aí eu leio e ela consegue”. Fala assim: “Ah. Está aqui óh.”
[...] A: Quando eu leio para ela. Porque é assim: ela escreve, ela lê, mas ela não compreende... nem o que leram, nem o que ela lê. Ela só escreve. Só joga as letras na ordem que ela acha que é, que está correto na maioria das vezes.
*[...] A: ... apesar dela confundir muito o fonema. Por exemplo: na palavra **tem**... que tem o M de Maria – ela escreve **T E I** ... porque o som é parecido. Tem algumas palavras que*

Essa narrativa elucida que, para essas ações, a aluna precisou organizar o pensamento e colocar no papel, tendo então o auxílio de um recurso visual, ela viu, leu. No início, a estagiária que também está em dúvida, porque ninguém sabe tudo, de tudo, diz que ela não consegue, mas depois, com outra estratégia, a aluna consegue. Outro ponto destacado no fragmento acima são os erros ortográficos em um 6º ano. *Será que as regras ortográficas são tão essenciais neste momento para a aluna?*

Entendemos que um trabalho voltado para atuações e intervenções com significação na aprendizagem são profícuos para se pensar nas possibilidades de ressignificar a atuação da estagiária e concomitantemente os processos de desenvolvimento da aluna. De acordo com Pasolini (JOBIM e SOUZA, PORTO e ALBUQUERQUE, 2013), a importância de observar atentamente a realidade, para poder enxergar, nas coisas, objetos, paisagens, gestos, atos e palavras, imagens, os signos de forma a fazerem parte do contexto; situados historicamente e culturalmente.

Para Geraldi (1997), o ensino da língua na escola é permeado nas metodologias de ensino e opção política que estão por trás de suas ideologias. Há uma confusão grande em ensinar-se conteúdos, palavras, conceitos de forma a transmitilos ou levar os alunos simplesmente a pensarem sobre eles. Não há uma preocupação, ou não se tem consciência de que para aprender há de ter-se condições de interação e aprendizagem real e não somente com as de ensinagem, pois sabe-se que nem todo ensino resulta em aprendizagem, sendo o sujeito um ser histórico-social que deve ter papel interativo na sua relação com o outro.

Em Geraldi (2013), na relação pedagógica, há um movimento pendular constante entre professor e aluno; pois trabalha-se com conhecimentos reconhecidos pela tradição, em um mundo simbólico de senso comum, de saberes, conhecimentos vividos e experiências. Então as diferentes formas de conhecimento são importantes; o científico e aquele que a criança já possui. Assim, deveria-se pensar em como atuar e mediar na relação pedagógica para que ela consiga cumprir sua função de ensinar os conhecimentos científicos ao aluno, respeitando sua forma diferenciada de aprender, como ocorre no caso exposto acima.

Oliveira e Pinto (2011) afirmam que

[...] para explicar esse desenvolvimento Vigostsky destaca o papel do mediador do outro e do signo. É por intermédio do outro – de suas ações, de suas palavras, da maneira como se dirige ao eu e interage com ele – que esse eu vai tomando forma no mundo. É mediado pelo signo – e por todas as possibilidades de interpretação e de acentos valorativos que ele implica num dado contexto cultural – que o processo interativo se desenrola, e que o indivíduo vai

tornando seus
modos de
pensar, de agir e
de sentir
socialmente
elaborados (p.
5).

Mencionando que o homem se desenvolve socialmente se relacionando com o outro, Vigotski (2000) abre as portas das possibilidades de um trabalho que possibilita mudança dos sujeitos envolvidos no processo. Como vimos, a estagiária buscou outra estratégia, culminando, na realização da atividade pela aluna. Procuramos em um outro olhar, ter uma realidade diferente. Vale ressaltar que Oliveira; Pinto (2011), destacam a relação entre teoria e prática em uma perspectiva dialética, onde a possibilidade de aprender uma determinada realidade, abarcando múltiplos e contraditórios elementos poderão levar à uma realidade onde os componentes distintos interagem entre si, produzindo uma articulação em seu todo.

Por meio do outro temos um outro olhar. Nesta perspectiva, a importância das nossas certezas está em percebermos que elas não são certas, fechadas e terminadas. Quando pesquisamos e enxergamos o interior das relações, temos que ter aberturas para possibilidades e vozes adversas do que eram nossas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos neste estudo, analisar e refletir sobre o grupo de estudos. Utilizamos das concepções da perspectiva histórico-cultural para as ações e propostas sobre desenvolvimento, aprendizagem, pensamento, linguagem e a função social que estas possam nos possibilitar em novas formas de atuação em diferentes aspectos da prática pedagógica.

Sendo assim, seria então, outra forma de enxergar as relações, com a intenção de mostrar a vida e a realidade por um ângulo diferente, assumindo o risco de não ser compreendido, assumindo um olhar de transgressor, ou seja, de como esse olhar pode ressignificar e modificar os olhares e possíveis atuações dos envolvidos nestas reflexões, não simplesmente como autores, mas como criadores de novas possibilidades. (Oliveira; Pinto 2011)

REFERÊNCIAS

CHAVES et al. Teoria histórico-cultural e intervenções pedagógicas: possibilidades e realizações do bom ensino. In: **Educação**. Santa Maria. jan./abr. 2014. p. 129- 142.

(FREITAS, A. P. de, DAINEZ, D. Estágio extracurricular e educação inclusiva: dilemas e percepções de alunas do primeiro ano de um curso de pedagogia. In: **Questões contemporâneas sobre a Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Rio de Janeiro: Revista Interinstitucional sobre a Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. V. 4, n. 1, p. 79-100. Jan./abr. 2018.**

GERALDI, J. W. Bakhtin tudo ou nada diz os educadores: os educadores podem dizer muito com Bakhtin. In **Educação, arte e vida em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 11-28.

GERALDI, J. W. (org). Concepções de Linguagem e Ensino de Português. In: O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1997. 5. Ed. p. 39-46.

JOBIM e SOUZA, S., PORTO e ALBUQUERQUE. Bakhtin e Pasolini: Vida, paixão e arte. In: FREITAS, M. T. In: **Educação, arte e vida em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 47-68.

KASSAR, M. de C. M. Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva: deságios da implantação de uma política nacional. In: **Educar em Revista**. Curitiba: Ed. UFPR, Brasil, n. 41, p. 61-79, jul./set. 2011.

OLIVEIRA, I. M.; PINTO, A. K. P. Estágio extracurricular e formação em educação especial. In.: CAIADO, K. R. M.; JESUS, D. M., BAPTISTA, C. R. (orgs.) **Professores de educação especial: formação em foco**. Porto Alegre: Mediação, 2011, p.105-124.

PINO, A. A psicologia concreta de Vigotski: implicações para a educação. In: PLACCO, V. M. N. de S. (org.) **Psicologia e Educação: revendo contribuições**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2003, p. 33-62.

PINO, A. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005, 303 p.

VYGOTSKI, L. S. La imaginación y el arte em la infancia. Madrid, Akal Bolsillo, 182.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Obras escolhidas**. Madri: Visor, 1995. (Volume 3)

_____. Manuscrito de 1929. In: Educação & Sociedade. Campinas: CEDES, Ano XXI, nº 71, julho/00. p. 21-44.